

O protagonismo dos povos do campo: as jornadas de agroecologia da Bahia como espaço de articulação e resistência – uma análise da quinta edição

Anderson Souza Viana*

Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho*

RESUMO:

Este texto objetiva analisar, brevemente, as Jornadas de Agroecologia da Bahia, em particular a quinta edição, como espaço caracterizado pelo protagonismo dos povos do campo, através das articulações e ações de resistências, identificando aspectos que contribuem para o avanço e fortalecimento das lutas dos referidos povos. A metodologia utilizada na coleta de dados foi a aplicação de um questionário *online* a 37 sujeitos, todos vinculados à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sendo estes graduandos, professores, analista e técnico universitário. A análise encontra sustentação teórica em Altieri (2012), Gliessman (2001), Guzmán (2002), Machado e Machado Filho (2014), dentre outros. Os resultados apresentam que os sujeitos da pesquisa apontam relevantes aspectos da V Jornada de Agroecologia, tais como: Prática de valorização da ancestralidade; diversidade; feira de Produtos Agroecológicos como fortalecimento da relação teoria e prática; espaço de troca de experiências e de aprendizados; espaço de articulações entre povos tradicionais, pesquisadores e estudantes; dimensão política do evento, engajamento crítico e defesa de uma sociedade sustentável, anticapitalista; protagonismo dos povos originais e movimentos sociais no debate; espaço que propicia conhecer as lutas e os problemas de cada povo e, fortalecimento da diversidade cultural brasileira. Ainda, os sujeitos pesquisados reconhecem as Jornadas de Agroecologia como espaço formativo, de fortalecimento das lutas dos povos; como espaço de autonomia e protagonismo dos povos originários e movimentos sociais; como espaço de resistências, de ideias contrárias as que são hegemônicas no contexto atual; e como espaço de protagonismo dos distintos povos do campo (indígenas, camponeses, ribeirinhos, do terreiro). Os aspectos ressaltados nos depoimentos dos participantes, principalmente os que trazem os elementos inerentes às articulações, às resistências e protagonismo dos sujeitos construídos no âmbito das Jornadas, reafirmam a contribuição desse evento para o avanço e fortalecimento das lutas dos povos do campo aglutinados na Teia dos Povos. Conclui-se que, a Jornada de Agroecologia constitui-se um movimento que tem se consolidado, a cada edição, como uma intensa e positiva articulação entre os vários sujeitos que dela participam, um oxigênio para as lutas e enfrentamentos no cotidiano dos diferentes povos tendo a Agroecologia como a ferramenta aliada para a construção de uma sociedade sem miséria, escravidão e com respeito a nossa Mãe-Terra.

* Universidade do Estado da Bahia - UNEB/Campus I, Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial - CAECDT. Email: asviana@uneb.br

* Universidade do Estado da Bahia - UNEB/ Departamento de Educação – DEDC/Campus X, Teixeira de Freitas – Bahia. Email: luzenicarvalho@yahoo.com.br

Palavras-chave: Jornadas de Agroecologia da Bahia. Protagonismo. Povos do Campo. Resistência. Articulação.

ABSTRACT:

This paper aims to analyze, briefly, Bahia's Agroecology Journeys, in particular the fifth edition, as space characterized by the protagonism of the camp people, through the articulations and actions of resistances identifying aspects that contribute to the advancement and strengthening of the struggles of these peoples. The methodology used in the data collection was the application of an online questionnaire to 37 subjects, all linked to the Universidade do Estado da Bahia (UNEB), being these undergraduates, teachers, analyst and university technician. The analysis has as theoretical basis Altieri (2012), Gliessman (2001), Guzmán (2002), Machado and Machado Filho (2014), among others. The results show that the subjects of the research point out relevant aspects of the V Agroecology Journey, such as: Ancestral valorization practice; diversity; Agroecological Product Fair as a strengthening of the relationship between theory and practice; a space for exchanging experiences and learning; a space of articulations between traditional peoples, researchers and students; political dimension of the event, critical engagement and defense of a sustainable, anticapitalist society; protagonism of the original peoples and social movements in the debate; a space that allows to know the struggles and problems of each people and the strengthening of Brazilian cultural diversity. The subjects surveyed also recognize the Agroecology Journeys as a formative space, of strengthening the struggles of the peoples; as a space of autonomy and protagonism of the original peoples and social movements; as a space of resistance, of ideas contrary to those that are hegemonic in the current context; as a space of protagonism of the distinct rural area peoples (indigenous, peasants, riverside, of the countryside). The aspects emphasized in the participants' statements, especially those that bring the elements inherent to the articulations, to the resistance and protagonism of the subjects built within the scope of the Journeys, reaffirm the contribution of this event to the advancement and strengthening of the struggles of the rural people agglutinated in the Web of the Peoples . It is concluded that the Agroecology Journey constitutes a movement that has been consolidated, with each edition, as an intense and positive articulation between the various subjects that participate in it, an oxygen for the struggles and confrontations in the daily life of the different peoples having Agroecology as the allied tool for the construction of a society without poverty, slavery that respects our Mother Earth.

Keywords: Bahia's Agroecology Journeys. Protagonism. Rural Area Peoples. Resistance. Articulation.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a Agroecologia tem se constituído um horizonte onde os distintos povos organizados (do campo, das florestas, das águas etc) tem buscado outra forma de conceber e lidar com a agricultura.

A concepção da visão mecânica para o mundo e seus recursos naturais foi por muito tempo predominante, e ainda é muito presente na sociedade. Tal concepção está pautada no pensamento positivista que colocou o conhecimento científico como superior às demais formas de compreensão do homem, suas necessidades, seu lugar e papel no sistema planetário. O cartesianismo foi um dos modelos para a base de conhecimento científico que contribuiu para a dissociação do sistema produtivo alimentar com as relações ecológicas sustentáveis, na medida em que determinou que se fosse conhecido o funcionamento de todas as partes de determinado objeto de estudo, terá um entendimento do funcionamento global desse objeto, tornando dessa forma fragmentada a concepção e compreensão da ecologia. (NORGAARD, 1989)

Contrapondo com a forma de produção que, converte os recursos dos ecossistemas naturais em meros produtos, e, portanto, em mercadoria, e o sistema de produção alimentar como um mercado para comercialização infinita surge no final do século XX a Agroecologia.

Para Altieri (2012), Agroecologia é a ciência ou a disciplina científica possuidora de uma série de princípios, conceitos e metodologias que objetivam estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas, viabilizando a implantação e o desenvolvimento de estilos para uma agricultura sustentável. Segundo o autor, a Agroecologia produz, as bases científicas para apoiar o processo de transição para uma agricultura sustentável nas suas diversas manifestações e/ou denominações. Nesta direção,

A Agroecologia se fundamenta em um conjunto de conhecimentos e técnicas que se desenvolvem a partir dos agricultores e de seus processos de experimentação. Por essa razão, enfatiza a capacidade das comunidades locais para experimentar, avaliar e expandir seu poder de inovação por meio de pesquisa de agricultor a agricultor e utilizando ferramentas de extensão baseadas em relações mais horizontais entre os atores. (ALTIERI, 2012, p. 16)

Gliessman (2001), direciona o conceito de Agroecologia para o mecanismo de aplicação dos conceitos e princípios da Ecologia no manejo e desenho de agroecossistemas sustentáveis. De acordo com Gliessman,

A Agroecologia proporciona o conhecimento e a metodologia necessários para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável. Ela abre a porta para o desenvolvimento de novos paradigmas da agricultura, em parte porque corta pela raiz a distinção entre a produção de conhecimento e sua aplicação. (GLIESSMAN,2001, p.54)

Guzmán tem um enfoque voltado para o desenvolvimento rural e assim define Agroecologia:

[...] constitui o campo do conhecimento que promove o manejo ecológico dos recursos naturais, através de formas de ação social coletiva [...], pretendendo estabelecer formas de produção e de consumo que contribuam para encarar a crise ecológica e social e, deste modo, restaurar o curso alterado da coevolução social e ecológica. Sua estratégia tem uma natureza sistêmica, ao considerar a propriedade, a organização comunitária e o restante dos marcos de relação das sociedades rurais articulados em torno à dimensão local, onde se encontram os sistemas de conhecimento portadores do potencial endógeno e sociocultural. [...] Pretende-se o desenho participativo de métodos de desenvolvimento endógeno para estabelecer dinâmicas de transformação em direção a sociedades sustentáveis. (GUZMÁN, 2002, p.56)

Considerando a conjuntura atual da realidade praticada pelos povos tradicionais, pelos movimentos sociais de luta pela terra e as discussões acadêmicas propostas pelos profissionais da área, a Agroecologia pode ser definida como um movimento contra-hegemônico, numa perspectiva transdisciplinar, que vai além da aplicação de técnicas sustentáveis para geração de recursos que vão de alimentos, energia, biomassa e demais matérias-primas, pautado em princípios que integra homem e natureza. Nesta perspectiva, a Agroecologia resgata a autonomia dos produtores, destruída pelo agronegócio. É uma proposta transformadora e sua aplicação está associada ao sistema socioeconômico. Possui distintas dimensões que precisam ser consideradas: Escala, social, política, econômica, ambiental, energética, administrativa, técnica ética e soberania alimentar. É uma proposta contra-hegemônica, pois há um confronto com o agronegócio, e, conseqüentemente com o sistema capitalista. (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014)

Alguns elementos das questões trazidas pelos autores Machado e Machado e Filho podem ser encontradas na Carta Final da V Jornada de Agroecologia, quando os povos que a assinam dizem que:

Convocamos a todas as pessoas dispostas a não ceder a esse entorpecimento e comprometidas com a luta pela autonomia das comunidades e a dignidade humana a retomar a luta contra o Capital e o Império. Desde o Sul da Bahia conclamamos os povos a se juntarem à bandeira da agroecologia e, por meio dela, construir alternativas locais à monocultura que o capital nos impõe. O mundo capitalista é uma fazenda cercada! (V JORNADA DE AGROECOLOGIA DA BAHIA, 2017)

As características da Agroecologia podem ser elencadas da seguinte forma: Extirpar a dependência de insumos comerciais utilizando recursos renováveis disponíveis no local;

ênfatizar a reciclagem de nutrientes através de processos de compostagem, produção de biofertilizantes entre outros; cultivo de espécies, variadas da flora e fauna garantindo a diversidade funcional no sistema; desenhar sistemas que sejam que dialoguem às condições edafoclimáticas locais; manter e ampliar a diversidade de espécies; otimizar os recursos locais, respeitando a capacidade produtiva do ecossistema original; cultivar e respeitar os conhecimentos e saberes ancestrais que são referenciais para o Bem Viver.

O Bem Viver se constitui em uma filosofia que sustenta e dá sentido às diferentes formas de organização social de centenas de povos e culturas da América Latina, que segundo Suess (2010) não é fácil expressar, com palavras, uma vez que se trata de uma noção tão ampla e complexa, que abrange muitas dimensões e significados. Pode-se dizer que ele expressa, ao mesmo tempo, memória e horizonte – por um lado, memória pré-colonial e tradicional do mundo andino – e, por outro lado, protesto e luta contra os excessos do capitalismo agroindustrial globalizado. (PORANTIM, 2015)

Nesta perspectiva, o Bem Viver não seria um conjunto de “desenvolvimentos alternativos”, mas uma exploração de alternativas da própria ideia do desenvolvimento, suas expressões na gestão e na política, sua institucionalidade e seus discursos de legitimação. (GUDYNAS; ACOSTA, 2011)

A partir da concepção de Agroecologia aqui discutida, no ano de 2012, um coletivo de povos, camponeses e indígenas, em especial, fez um chamamento para se tecer uma rede de articulação entre os distintos povos do Sul da Bahia, vindo esse ajuntamento a ser denominada como Teia dos Povos, constituída por indígenas, quilombolas, Sem Terra¹, estudantes, juventude, agricultoras e agricultores, pescadores e pescadoras, marisqueiras, povos dos terreiros e do tambor, professores e professoras, pesquisadores e toda população engajada na defesa da Agroecologia. (TEIA DOS POVOS, 2017)

Acerca dos propósitos da Teia dos Povos, esta, nasce com seis grandes tarefas a serem encaçadas:

- 1) Buscar e construir a grande aliança dos povos; 2) Conquistar e garantir a terra e o território dos povos indígenas, dos quilombolas e todos os trabalhadores do campo; 3) Contribuir para a recuperação dos biomas Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga; 4) Produzir sua auto-existência nas suas terras, no território e desenvolver a soberania alimentar; 5) Construir uma economia para além do capital e 6) Construir as quatro grandes escolas – Escola do Arco e da Flecha, Escola Quilombola, Terreiro e Tambor; Escola das águas e Mares, Escola da Floresta do Cacau e do Chocolate. (TEIA DOS POVOS, 2017)

¹Sem Terra, aqui, significando mais do que uma simples condição social, é uma referência política, social e cultural. Sem Terra aqui é o sujeito, que segundo Bogo, “possui terra, porém por fazer parte de um movimento organizado continua politicamente sendo Sem Terra [...]”. Assim, o substantivo sem-terra (com hífen) mudou de forma e se tornou sujeito, Sem Terra. (BOGO, 2006, p. 420)

As tarefas da Teia dos Povos encontram-se assentadas nos seguintes princípios:

- I. Terra e alimento como princípio filosófico e de vida, que se constrói através da solidariedade irrestrita aos movimentos pela defesa da territorialidade, tendo como instrumento a pedagogia do exemplo.
- II. O trabalho e o estudo para liberdade que possibilite a construção de um novo modo de vida, desconstruindo a herança dos modelos capitalista, racista e patriarcal.
- III. Reafirmar o olhar ancestral na edificação de um novo tempo, contextualizado à nossa forma (TEIA DOS POVOS, 2017)

A Teia, na perspectiva dos povos, representa a esperança de unidade dos povos, em sua diversidade e pluralidade, pautadas na autonomia das comunidades e na construção de uma nova matriz econômica, alicerçada na soberania alimentar e na Agroecologia, na perspectiva do cultivo às práticas de nosso Bem Viver.

A partir dos propósitos acima elencados, foram realizadas cinco edições da Jornada de Agroecologia da Bahia até 2017. A seguir (Tabela 1), períodos de realização das Jornadas e respectivas temáticas debatidas em cada uma delas.

Tabela 1 - Jornadas de Agroecologia da Bahia: Temática e Período de Realização

Jornadas de Agroecologia da Bahia: Temática e Período de Realização		
I Jornada de Agroecologia da Bahia	Agroecologia: Uma proposta de Soberania do Território Baiano	26 a 01 de dezembro de 2012
II Jornada de Agroecologia da Bahia	Agroecologia: Unindo Povos e Saberes	12 a 15 de dezembro de 2013
III Jornada de Agroecologia da Bahia	Sementes, Ciência, Agroecologia e Tecnologia para mudar a realidade das Comunidades no Campo e na cidade	04 a 07 de dezembro de 2014
IV Jornada de Agroecologia da Bahia	Terra, Território e Poder	29 de outubro a 01 de novembro de 2015
V Jornada de Agroecologia da Bahia	Terra e Território: Natureza, Educação e Bem Viver	19 a 23 de abril de 2017

Fonte: Teia dos Povos – Organizado pelos autores

As Jornadas se constitui um movimento de ações, que culminam com a realização do Encontro. Sobre essa dialética das Jornadas, Felício destaca que,

A Jornada de Agroecologia é um dos grandes eventos da Teia dos Povos – há ainda, por exemplo, a Farinhada das Tupinambá da Serra do Padeiro (Buerarema-BA) e as Pedagogingas e Caruru dos Ibebejis (Itacaré-BA). Entre estas há mutirões, intercâmbios entre os territórios que fazem parte da Teia e outras formas de solidariedade entre os povos. (FELÍCIO, 2017)

Concebemos nesse trabalho o termo Resistência como o ato ou efeito de resistir, que se opõe a outra, que não cede a outra. E é nessa compreensão que analisaremos as Jornadas como espaço de Resistência.

E ao nos referirmos ao termo protagonismo, o concebemos como o processo de protagonizar, de ser o figurante principal de um acontecimento. No caso dos povos do campo, sujeitos que desempenharam ou ocuparam o papel principal na V Jornada de Agroecologia da Bahia, desde a sua concepção até a sua materialização, o que inclui o pensar o formato do evento, suas temáticas, articulações, participação em mesa de debates etc.

Ao destacarmos a resistência dos povos do campo e seu protagonismo na articulação das Jornadas de Agroecologias da Bahia, pretendemos fortalecer essa significativa iniciativa que entendemos como uma forma desses povos se organizarem coletivamente para enfrentar as problemáticas que tem assolado os territórios camponeses e tradicionais.

Nesta perspectiva, o texto em apresentação objetiva analisar, brevemente, as Jornadas de Agroecologia da Bahia como espaço de protagonismo dos povos do campo, articulações e resistências, identificando aspectos que contribuem para o avanço e fortalecimento das lutas no âmbito dos povos aglutinados na Teia dos Povos.

2 V JORNADA DE AGROECOLOGIA DA BAHIA: PROTAGONISMO DOS POVOS DO CAMPO, ARTICULAÇÕES E RESISTÊNCIAS

2.1 CONTEXTO DE REALIZAÇÃO E SUJEITOS

A quinta e última edição da Jornada de Agroecologia, objeto de análise neste texto, teve três características distintas das demais, a primeira é que em vez da ocorrência anual, essa levou 1 ano e 6 meses até acontecer no período de 19 a 23 de abril de 2017. O segundo aspecto foi a realização, pela primeira vez, fora do Assentamento Terra Vista, *locus* originário de ocorrências das Jornadas até a quarta edição. Desta vez, o espaço escolhido foi a Arena da Boca da Barra, em Porto Seguro, Bahia. Para completar o momento de integração, celebração e propagação da cultura dos Povos da Terra a Jornada aconteceu concomitante com os Jogos Indígenas Pataxós atraindo pessoas de diferentes lugares do Brasil e do mundo. E por último, nessa edição houve chamada para apresentação de trabalhos acadêmico-científicos e relatos de experiências.

Sobre o contexto geográfico e político de realização da V Jornada de Agroecologia, assim anuncia a Carta Final acerca dos porquês de ser nesse lugar/espço:

Foi num espaço à beira das praias de Porto Seguro – onde, exatos 517 anos atrás, aportaram na Bahia os invasores portugueses –, que nós, ativistas das Teias dos Povos, realizamos nossa V Jornada de Agroecologia, com o intuito de, em primeiro lugar, denunciar que essa chegada dos europeus, foi, acima de tudo, o início oficial da ocupação de nosso território pela colonização europeia e a hegemonia do Capital, a qual persiste até os dias atuais. [...] Aqui viemos para afirmar em alto e bom som: esta não é a Costa do Descobrimento, é a Costa da Invasão! Estas terras tinham e têm dono. Com esse ato de ocupar as praias de Porto Seguro, entre os dias 19 e 23/4/17, queremos lembrar ainda, que, hoje, vivemos tempos sombrios, em que nosso país e toda a América Latina voltam a correr grave perigo diante da nova investida imperial estadunidense e de outros representantes da linha de frente dos interesses do Capital. (V JORNADA DE AGROECOLOGIA DA BAHIA, 2017)

Enfatizamos ainda sobre o contexto geográfico, Porto Seguro está localizado na Região Extremo Sul da Bahia². Essa região é marcada, mormente, pela sua vinculação com o início do Brasil, há mais de cinco séculos. Por esse traço histórico e pela beleza de suas praias, hoje se constitui como um polo de turismo do Estado. Nesse lugar também se encontram ecossistemas considerados elementares para o país e para o mundo, como os Parques Marinhos de Abrolhos, o Monte Pascoal e remanescentes de Mata Atlântica com sua fauna e flora singulares, bem como remanescentes da cultura do povo Pataxó e dos Quilombolas. (KOOPMANS, 1997).

Todavia, há que se registrar que a riqueza e o deslumbre dessas terras foi há mais de quinhentos anos e ainda é, na atualidade, alvo de desmedida exploração, hoje, por parte de empresas multinacionais com a monocultura do eucalipto. (KOOPMANS, 1997). Assim, a região comporta um cenário de avançado processo de miséria, pobreza, analfabetismo e desemprego, dentre outros aspectos de indignação.

Ainda segundo Koopmans,

A grande massa rural vivia a vida na simplicidade. As relações de trabalho eram de natureza feudal, especialmente nas fazendas de cacau. Não havia mecanização no campo. Toda a região contava apenas com dois tratores no ano de 1950. Mas, mesmo assim, analisando esse momento histórico, podemos dizer que justamente a partir desta época, iniciou-se a construção de uma estrutura que, mais tarde, tomaria conta de toda a região, passando a vigorar até hoje. Tal estrutura, a concentração de dinheiro, de terra, de gado e do poder político, nas mesmas mãos, ou em outras palavras, a estrutura da concentração, prejudicaria não somente a

² Identifica-se como Território Extremo Sul da Bahia a região situada ao sul do Rio Jequitinhonha até a divisa do Estado da Bahia e do Espírito Santo. É constituída por 21 municípios (Alcobaça, Belmonte, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Itapebí, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz de Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda). Abrange uma área de 30.420km.

socialização dos bens, mas também impediria um desenvolvimento sustentável voltado para o povo. (KOOPMANS, 1997, p. 54-55)

Com o tema “Terra e Território – Natureza, Educação e Bem Viver”, os Povos ressaltaram a necessidade de continuar lutando junto com os seus ancestrais, respeitando suas memórias e ensinamentos, compreendendo que sem o sagrado não há força, sem força não haverá vitória e sem vitória não teremos a tão almejada revolução. O tema explicitamente lembra-nos que precisamos construir um mundo em que a luta dos povos pulse nos caminhos da ancestralidade.

Participaram da V Jornada mulheres e homens, crianças e anciãos de inúmeros movimentos sociais e povos em luta: assentadas e assentados, acampadas e acampados, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, extrativistas, pescadoras e pescadores, quebradeiras de coco, povos de terreiro, povos de fundo e fecho de pasto³, educadores, estudantes, pesquisadores de Universidades diversas, trabalhadoras e trabalhadores do campo e da cidade, todos em busca do Bem Viver e da defesa dos territórios. A maioria dos participantes originam das regiões Sul e Extremo Sul da Bahia, mas contou com participantes de toda a Bahia e distintos Estados brasileiros, incluindo a Comitiva da Teia dos Povos do Maranhão. (V JORNADA DE AGROECOLOGIA, 2017)

Figura 1 - Mesa Educação e Agroecologia: Saberes Tradicionais, Arte e Tecnologia – V Jornada de Agroecologia da Bahia



marcados por fazendas e fazendeiros com os seus filhos e suas trajetórias de vida são os mais diversos, isto porque existem fundos de pasto quilombolas, indígenas ou de agricultores e agriculturas familiares que nasceram e cresceram naquelas localidades, se ocupando de plantações ou cuidando de seus animais, em geral caprinos e bovinos. (CERRATINGA, 2017)

Fonte: Anderson Souza Viana

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E SUJEITOS DA PESQUISA

Para análise da problemática anunciada utilizamos como instrumento de coleta a aplicação de um questionário online respondido por 37 sujeitos: 29 discentes, graduandos de distintos Cursos (História, Ciências Sociais, Pedagogia, Ciências Biológicas e Letras/Inglês), 06 docentes, 01 analista biólogo e um técnico universitário, todos vinculados à Universidade do Estado da Bahia – UNEB (*campi*: Teixeira de Freitas, Eunápolis, Salvador e Euclides da Cunha), o que equivale a 47,4% do total dos que participaram da V Jornada representando a UNEB. O critério de escolha dos mesmos foi terem participado da V edição da Jornada, ocorrida de 19 a 23 de abril de 2017. Dos 37 sujeitos, 10,8% participaram de outras edições da referida Jornada.

Ressaltamos que, o questionário preenchido pelos sujeitos se deu de forma online, sendo as perguntas respondidas por digitação sem a presença dos entrevistadores. O referido questionário foi constituído por uma série ordenada de três questões, sendo duas fechadas (dicotômicas) e uma aberta (com resposta livre), a saber: 1) já participou de outras edições da Jornada de Agroecologia da Bahia? 2) quais os aspectos significativos que você ressaltaria da V Jornada de Agroecologia da Bahia? 3) considera que a Jornada de Agroecologia se constitui um espaço de articulações, resistências e protagonismo? Nessa última solicitamos um comentário para qualquer uma das alternativas que justificasse a resposta dada, trazendo elementos que possibilitasse o entendimento de sua percepção. Poderia relatar situações vivenciadas/palestras assistidas/Rodas de conversas, Atividades diversas...

Foram quatro as razões que nos motivaram a utilizar o questionário online: 1) facilidade de preenchimento e devolução; 2) forma atraente e funcional; 3) tabulação dos resultados facilitados; e; 4) alcance de um número maior de sujeitos em um curto espaço de tempo.

Os sujeitos da pesquisa estão aqui identificados com nomes fictícios, atribuídos aleatoriamente a cada um, os quais homenageamos lutadores/as do povo, que dedicaram suas vidas à luta pela terra, pela democracia, pela Educação emancipadora etc, visando

preservar a individualidade de cada um/a no processo de avaliação da Jornada, mesmo os participantes tendo autorizado o uso de suas falas.

Outro instrumento utilizado no processo de coleta de dados foi a análise documental. De acordo com Gil (1996, p. 51), “ a análise documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que, ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Ou melhor, a existência de materiais escritos, mesmo sem um tratamento analítico prévio poderão ser utilizados como fonte de pesquisa. Neste caso, analisamos a carta elaborada e publicizada ao final da V Jornada de Agroecologia, onde buscamos identificar as estratégias de lutas advindas do protagonismo dos movimentos sociais e dos povos partícipes da Jornada, bem como as articulações e resistências anunciadas ou implícitas no referido documento. Ressaltamos que a análise da Carta não teve um momento específico dentro da discussão dos resultados, a mesma encontra-se analisada ao longo do texto.

2.3 BREVE ANÁLISE/DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Aqui analisaremos brevemente as Jornadas de Agroecologia da Bahia, em particular a quinta edição, como espaço de protagonismo dos povos do campo, de articulações, de resistências, identificando aspectos que contribuem para o avanço e fortalecimento das lutas dos Povos, na perspectiva dos 37 sujeitos que participaram da pesquisa, respondendo o questionário online, não será possível transcrever aqui todos os depoimentos dos sujeitos, mas alguns deles e nos elementos trazidos na Carta Final da V Jornada de Agroecologia da Bahia.

Aos perguntarmos quais os aspectos significativos que ressaltariam da V Jornada de Agroecologia da Bahia, as respostas foram as abaixo transcritas:

As mesas de debate trouxeram questões muito importantes. A diversidade de povos participantes. Conhecer as lutas e os problemas de cada povo (indígena, pescadores, quilombolas, sem terra), Feira de Produtos orgânicos. Percebemos a teoria e a prática caminhando juntas na Jornada. Muito bom, isso. (**Lúcia Maria de Souza**)

A integração das culturas. As feiras como valorização dos produtos produzidos pelos agricultores e artesãos. A participação de estudantes e docentes. Penso que faltou melhor organização, estrutura no evento e assuntos relacionados às técnicas agroecológicas, tendo em vista o público de pouco conhecimento nessa área e a necessidade de formação e conhecimento para os agricultores e pessoas que vivem do campo, da floresta e da pesca. (**Rosa Luxemburgo**)

Dimensão política do evento, diversidade de movimento, organizações e instituições envolvidas, envolvimento engajado, crítico, de resistência e

enfrentamento à negação histórica de direitos sociais; fortalecimento da diversidade cultural brasileira. (**Olga Benário**)

Conhecer outras possibilidades de uma vida sustentável e perceber como as comunidades indígenas e outros grupos sociais tais como o MST se articulam em prol de uma sociedade anticapitalista. (**Frida Kahlo**)

Rodas de conversas e mesas com palestrantes e mediadores de diferentes representações dos Movimentos Sociais proporcionando a troca de experiências e o diagnóstico de variados modelos de práticas agroecológicas. (**Zumbi dos Palmares**)

O aspecto mais significativo da Jornada Agroecológica da Bahia organizado pela TELA dos Povos é o fato de ser organizada e composta por pessoas que não só estão dispostas a debater questões centrais para uma sociedade mais justa, bem como, essas pessoas possuem a vivência e a luta por essa sociedade. Este evento vai além do debate científico sobre uma sociedade anticolonialista, anticapitalista ou mesmo sobre a importância da produção de alimentos sem agrotóxico etc. O debate é fomentado por pessoas que lutam e vivenciam um projeto de nação onde essas questões estão no cerne. Desta forma, acredito que o aprendizado para nós estudantes e pesquisadores destas temáticas se dá de forma ampla e satisfatória. (**Margarida Alves**)

Espaço de troca e articulação entre povos tradicionais, pesquisadores e estudantes. Espaço onde a resistência se constitui um instrumento transformador...carregado de esperança. As atividades propostas como a Feira de Produtos agroecológicos, as rodas de conversas e mesas cujos protagonistas são os povos tradicionais, a troca de sementes são ações que fortalecem as articulações e resistências dos povos tradicionais. (**Dandara dos Palmares**)

Ao analisar os depoimentos dos sujeitos enfatizando os aspectos significativos e relevantes da Jornada, percebemos alguns elementos que configuram o evento na percepção destes: 1) Prática de valorização da ancestralidade através da espiritualidade; 2) diversidade: Cultural, Religiosa e de Povos (quilombolas, camponeses, pescadores, indígenas, do terreiro...); 3) feira de Produtos Agroecológicos como fortalecimento da relação teoria e prática no tocante à Agricultura Camponesa e Agroecologia; 4) espaço de troca de experiências, de aprendizados para estudantes e pesquisadores; 5) espaço de Articulações entre povos tradicionais, pesquisadores e estudantes explicitadas nos distintos espaços de debate; 6) dimensão política do evento, engajamento crítico/Defesa de uma sociedade sustentável, anticapitalista...;7) Protagonismo dos povos originais e movimentos sociais no debate; 8) espaço que propicia conhecer as lutas e os problemas de cada povo (indígena, pescadores, quilombolas, Sem Terra, dos terreiros de do tambor...) e 9) fortalecimento da diversidade cultural brasileira.

Importante trazer aqui uma breve problematização da fala de Rosa Luxemburgo, quando esta avalia “que faltou melhor organização, estrutura no evento”. Ressaltamos aqui os esforços para se realizar um evento na magnitude (cerca de 3 mil participantes) que é a Jornada de Agroecologia. Um evento organizado por trabalhadores/povos tradicionais,

com escassos recursos advindos do poder público. A iniciativa da Teia dos Povos em realizar anualmente essa grande atividade é passível de reconhecimento público, tal é sua importância para o fortalecimento das lutas dos povos tradicionais.

Ao indagarmos aos sujeitos da pesquisa em que medida consideram que a Jornada de Agroecologia se constitui um espaço de articulações e resistências, 85,7% responderam “Sim, completamente” e 14,3% responderam “Sim, parcialmente”, o que confirma nossa assertiva inicial de conceber a Jornada de Agroecologia como espaço de articulações e resistências.

Ao justificarem sua resposta em relação à Jornada como espaço de resistências e articulações, os sujeitos assim se pronunciaram:

Antes da vivência da jornada e pré jornada eu não possuía a dimensão de como a luta pela terra e pelo território são intrínsecas à vida humana, isso porque as discussões lá realizadas e a partir do encontro possibilitaram compreender mecanismos outros de lutar contra as injustiças sociais, e entre esses mecanismos, compreendi a importância de priorizar o reconhecimento de povo e seu lugar, junto com a importância da terra para a sobrevivência material desse povo e o território para o construto e propagação de sua cultura. **(Luiza Garlippe)**

A jornada se mostrou um ambiente muito propício à discussão de temas sensíveis da nossa realidade, um ambiente que coloca ideias contrárias ao que é perpetuado e endossado por grande parte de nossa sociedade [...]. Por isso a jornada é um local de resistência, de ideias contrárias as que são hegemônicas no contexto atual. Por isso, ambientes como esse são sim, ambiente de resistência. **(Sepé Tiaraju)**

A articulação se faz na luta concreta, mas o espaço da jornada pode criar possibilidades para isso. **(Maria Bonita)**

A terra como elo de interligação entre as diversidades dos povos (Teia dos Povos) e, a terra como determinante na caracterização da identidade de um povo. "Sem terra, o povo não é completo", a jornada foi mais uma vez um princípio de união das diversidades que lutam por um bem comum. [...] **(Antônio Conselheiro)**

As rodas de conversas, as palestras os gritos de ordem, para onde se olhava se via a resistência, as pessoas ajudando e ensinando uma as outras. **(Jana Moroni Barroso)**

Roda de conversa e mesa: Uma educação contra-hegemônica e a luta por território, estes foram os aspectos que mais me provocaram a reflexão. As escolas da TEIA são cruciais para rompermos com a escola burguesa imposta pelo Estado, a busca pelos saberes tradicionais, a autonomia e protagonismo da classe trabalhadora e dos povos originários é essencial para a resistência da alienação do Estado que vem explorando e assassinando nosso povo. [...] Só avançaremos juntos, com a terra, com nosso povo - homens, mulheres, crianças, negros, negras e povos indígenas, fazendo uma frente única contra o capital. **(Margarida Alves)**

Essa jornada se constituiu principalmente um espaço de fortalecimento das lutas dos povos, relatando as vivências e dificuldades existentes, houve pouca articulação. As rodas de conversas foram importantes para levantar necessidades e sugestões de iniciativas e ações para os povos que se espera concretização. **(Rosa Luxemburgo)**

A Jornada de Agroecologia foi um instrumento de aprendizado que me trouxe esclarecimento e o entendimento de como ocorrem as lutas no campo para o combate a tantas dificuldades e entraves que cada comunidade vive. [...] percebi o quanto é importante e necessário algumas ações para que o movimento não se acabe e para que muitos direitos sejam conquistados. [...] A Jornada em si, se configura como uma forma de resistência e luta. (**Walkiria Afonso da Costa**)

[...] Conhecer a luta dos assentamentos foi muito importante para perceber que só através da luta conseguiremos ser atendidos no nosso pleito o nível de organização foi muito satisfatório para motivar e nos envolver na luta pelo direito a terra e pelo direito de uma boa alimentação com produtos orgânicos. A Exposição dos produtos na feira também destaco como possibilidade de renda, assim como mostrar que a distribuição das terras para torná-la produtiva e rentável para todos. (**Kátia Martins**)

O envolvimento de todos nas lutas de cada povo, mostrando para nós que precisamos estar juntos para enfrentar o capitalismo, o agronegócio e implantar a agroecologia. (**Che Guevara**)

Os depoimentos dos sujeitos trazem distintos aspectos para justificar a completude ou parcialidade das Jornadas enquanto espaço de articulações e resistências: 1) como espaço formativo/de esclarecimentos; 2) como espaço de fortalecimento das lutas dos povos, relato das vivências e dificuldades de cada povo/comunidade; 3) como espaço de autonomia e protagonismo dos povos originários e movimentos sociais; 4) como espaço que principia a união das diversidades que lutam por um bem comum; 5) como espaço de resistência, de ideias contrárias as que são hegemônicas no contexto atual.

Percebemos que alguns sujeitos problematizam uma maior articulação no âmbito da Jornada. Neste sentido, comungamos com Maria Bonita quando essa afirma que, “a articulação se faz na luta concreta, mas o espaço da jornada pode criar possibilidades para isso”.

Os depoimentos também apresentam a V Jornada de Agroecologia da Bahia como espaço de protagonismo dos povos do campo.

Ser participe das discussões, fazer parte dá construção dessa luta que não é de um só, mas sim de toda uma comunidade que se organiza para lutar por seus direitos, para ter voz e vez. (**Suely Kanayama**)

Acredito que em todas as rodas de conversas das quais participei tinham representantes de diversos segmentos, desde povos e comunidades tradicionais, até mestres da academia, isso é muito bom, pois valoriza a pluralidade e une conhecimentos, fortalece ainda mais os valores de diversidade. As rodas de conversas não tinham aspecto academicista e sim a fala de trabalhadores do campo, representantes de comunidades e grupos tradicionais mostrando suas vivências acerca da agroecologia, território e identidade. (**Martin Luther King**)

Houve uma grande interação entre os grupos que comporam o evento. Ideias foram trocadas e compartilhadas. E pautas foram discutidas e novos pontos surgiram para discussões futuras. Mas o que me chamou a atenção foi a participação efetiva

dos agricultores, dos indígenas em pé de igualdade com pesquisadores e palestrantes das Universidades. **(Oziel Alves Pereira)**

Acerca do protagonismo dos povos, uma fala em especial nos chamou a atenção, a de Martin Luther King, quando este ao valorizar o saber da experiência dos povos tradicionais, enfatiza que os tais saberes não possuíam aspecto academicista. Refletimos que essa afirmação possa significar o incentivo ao não acesso ao saber científico, acadêmico para os trabalhadores. Historicamente os trabalhadores, em particular, os camponeses, tiveram seu direito à educação usurpado pela elite brasileira. Ambos os conhecimentos têm sua validade.

Por fim, ressaltar que, as Jornadas estão permeadas de contradições, inerentes à existência e práticas humanas, como a questão dos alimentos consumidos nos dias das Jornadas, a exemplo de alimentos embutidos; o destino do lixo etc. No entanto, não é propósito deste texto debater esses aspectos, o que poderá vir a ser debatido. No entanto, se faz necessária uma aprofundada discussão acerca dessas questões objetivando estreitar a relação entre o que se diz (teoria) e o que se faz (prática), na perspectiva da *práxis*.

Enfatizamos também que na Carta Final da V Jornada, fruto de profícuas reflexões/problematizações sobre os tempos sombrios vividos por nós, trabalhadores, há o anúncio da continuidade da luta e, portanto, o anúncio da esperança em tempos melhores, construídos, gestados pelos distintos povos do campo e da cidade. Na Carta é perceptível o apontamento das articulações e resistências necessárias a serem feitas pelos povos do campo, pela Teia dos Povos. Há um protagonismo latente desses povos nas proposições feitas por estes, conforme pode ser observado em um trecho da Carta.

Revigorados e animados pelo encontro e a partilha, deixamos as praias da Costa da Invasão novamente rumo a nossos territórios reafirmando o compromisso com os desafios que a Teia se coloca para 2017: consolidar e robustecer a aliança dos povos; conquistar e garantir nossos territórios; recuperar os biomas devastados pelo latifúndio agroexportador; produzir autonomia e soberania alimentar; construir uma economia para além do capital; descolonizar definitivamente o ensino em nossas comunidades, fortalecendo as Quatro Grandes Escolas que neles estão sendo cultivadas – A Escola das Águas e dos Mares, a Escola dos Quilombolas, Tambores e Terreiros, a Escola do Arco e da Flecha e a Escola da Floresta, do Cacau e do Chocolate. (V JORNADA DE AGROECOLOGIA DA BAHIA, 2017)

No trecho acima encontramos dentre outras, a proposição de fortalecimento das “Quatro Grandes Escolas que neles estão sendo cultivadas – A Escola das Águas e dos Mares, a Escola dos Quilombolas, Tambores e Terreiros, a Escola do Arco e da Flecha e a Escola da Floresta, do Cacau e do Chocolate”. O que nos chama a atenção nesse aspecto é

que essa é uma proposta originária da Teia dos Povos, não havendo ainda quaisquer referências a essas escolas em estudo/pesquisa.

Ainda na Carta nos deparamos com uma convocação para nos comprometermos com a luta contra o capital, a favor da Agroecologia, um chamado à construção de caminhos no enfrentamento dos monocultivos, vinculados ao agronegócio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos respondentes do questionário e também como partícipes das Jornadas, nos arvoramos a afirmar o que anunciamos inicialmente, a Jornada de Agroecologia da Bahia se constitui imprescindível espaço de articulações entre muitos movimentos, comunidades e territórios em luta e resistência dos povos que compõem a Teia, fazendo resistência ao modelo hegemônico de agricultura, resistência na forma de cultuar seus ancestrais, encantados; nas relações humanas... Constitui-se ainda em importante espaço cujo protagonismo é dos povos do campo, com contribuições diversas advindas de educadores, pesquisadores e estudantes da Escola Básica e das Universidades que se fizeram presentes. São os povos que dão o tom do debate.

Notamos nas respostas dos sujeitos o entendimento da Jornada como um movimento que entrecruza saberes e experiências, tece articulações, estuda, semeia, produz e colhe na coletividade. Há nas “falas” dos respondentes uma compreensão de que entenderam que o que nos une enquanto seres humanos, é maior do que o que nos separa. Nessa perspectiva, a Jornada de Agroecologia constitui-se um movimento que tem se consolidado, a cada edição, como uma intensa e positiva articulação entre os vários sujeitos que dela participam, tendo a Agroecologia como a ferramenta aliada para a construção de uma sociedade sem miséria, escravidão e com respeito a nossa Mãe Terra.

Todos os aspectos ressaltados nos depoimentos dos sujeitos, principalmente os que trazem elementos inerentes às articulações, às resistências construídas no âmbito das Jornadas e ao protagonismo dos povos do campo, consideramos que contribuem para o avanço e fortalecimento das lutas dos Povos aglutinados na Teia dos Povos.

Comprendemos a partir da nossa vivência nas Jornadas, que esta tem sido um oxigênio para as lutas e enfrentamentos no cotidiano dos diferentes povos. Tem se constituído importante instrumento de fortalecimento dos povos para enfrentar o latifúndio também da formação e da produção tecnológica, buscando construir uma

Educação contra-hegemônica. Assim, acreditamos, como Felício (2017) que, “a aliança dos povos abala as estruturas de uma sociedade capitalista que aposta tudo na fragmentação nas bandeiras, pautas e territórios dos trabalhadores”. E a saída para os trabalhadores é a união, é a junção em torno de causas e lutas comuns. Isso é explicitado na Carta final do encontro no trecho abaixo:

Ao som dos maracás, tambores, atabaques, cantando e bailando com nossas Guerreiras e Guerreiros, Caboclas e Caboclos, Mikisi, Orixás, Seres de Luzes e Encantados, convocamos mulheres, homens, jovens, crianças, anciões – toda a humanidade em luta pela construção do bem viver – a juntar-se a nossa caminhada. A história pertence à mulher e ao homem que não têm medo de lutar. (V JORNADA DE AGROECOLOGIA DA BAHIA, 2017)

Os anúncios e convocação feitos a todos na Carta Final nos impulsionam a concluirmos as reflexões empreendidas nesse texto com a palavra de ordem presente e repetida durante toda a V Jornada: “Diga ao povo que avance! Avançaremos!!!”

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. 3. ed. Editora expressão popular, São Paulo, 2012.

BOGO, Ademar. Verbete Sem Terra. In: MOTTA, Márcia Maria Mendes. *Dicionário da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CERRATINGA, Comunidades de fundos de pasto: Resistência e sustentabilidade na Caatinga 2017. Disponível em: <http://www.cerratinga.org.br/populacoes/comunidades-de-fundos-de-pasto/> Acesso jul. 2017.

FEIDEN, Alberto. Agroecologia: Introdução e Conceitos. In: AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de. (ed.téc) *Agroecologia: Princípios e Técnicas para uma Agricultura Orgânica Sustentável*. Brasília, DF. Embrapa, 2005.

FELÍCIO, Erahsto. O caminho do bem viver e uma esquerda que se faz pela ancestralidade. *Esquerda Online*, 15 mai.2017. Disponível em: <http://esquerdaonline.com.br/2017/05/15/opiniao-o-caminho-do-bem-viver-e-uma-esquerda-que-se-faz-pela-ancestralidade/>. Acesso em 16 mai.2017.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas,1996.

GLIESSMAN, S. R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. 2. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

GUDYNAS, Eduardo; ACOSTA, Alberto. A renovação da crítica ao desenvolvimento e o Bem Viver como alternativa. Tradução do Centro de Promoção dos Agentes de

Transformação (CEPAT). *Revista IHU on-line*, 2011. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/507956-a-renovacao-da-critica-ao-desenvolvimento-e-o-bem-viver-como-alternativa>. Acesso em 21 mai. 2017.

GUZMÁN, E. S. Agroecologia e desarrollo rural sustentable. In: *Curso Intensivo em Agroecologia: Princípios e Técnicas Ecológicas Aplicadas à Agricultura*, 11., 2002, Seropédica. Palestra... Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2002. Não publicado.

KOOPMANS, Padre José. *Além do Eucalipto: O papel do Extremo Sul*. Salvador, Ba: BDA, 1997.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro; MACHADO FILHO, Luiz Carlos Pinheiro. *A Dialética da Agroecologia: Contribuições para um mundo com alimentos sem veneno*. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

NORGAARD, R. B. Base epistemológica da agroecologia. In. ALTIERI, M. A. (Ed.). *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. 2. ed. Rio de Janeiro: PTA-FASE, 1989. pp. 42-48.

PORANTIM. O Bem Viver Indígena e o futuro da humanidade. *Porantim*, Encarte Pedagógico X, 2015.

SUESS, Paulo. *Elementos para a busca do Bem Viver (Sumak Kawsay) para todos e sempre*. 2010. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/site/pt.br/?system=news&action=read&id=5166>. Acesso em 06 mai.2017.

TEIA dos povos. <http://teiadospovos.redelivre.org.br/a-teia/> Acesso em 28 abri.2017.

V JORNADA DE AGROECOLOGIA DA BAHIA. *Carta final da V Jornada de Agroecologia da Bahia*, 2017. Disponível em: <http://jornadadeagroecologiadabahia.blogspot.com.br/> Acesso em 21 de mai.2017.

Agradecimento: À professora Miriam Cléa Conte de Almeida Caires, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus X, pela tradução para a Língua Inglesa do Resumo deste trabalho.